

Coletânea de textos para alfabetização de jovens e adultos

Os textos que compõem este volume provêm de fontes variadas. foram selecionados por Cláudia Lemos Vóvio, Claudio Bazzoni, Maria José Vale Ferreira e Vera Masagão Ribeiro que já os utilizaram em experiências de Educação Básica de Jovens e Adultos.

São Paulo, julho de 1996



Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação

Avenida Higienópolis 901
01238-001 - São Paulo - SP
Fone (011) 825-5544
Fax (011) 3666-1082
E-mail acaoeducativ@ax.apc.org

SUMÁRIO

ESCOLA, ESCRITA E APRENDIZADO DA

LEITURA

Ao comando	03
(sem título)	04
O papel e a tinta	04
Lembranças da escola	05
O analfabeto	05
Vontade de acertar	06
O ato de estudar	07

TRABALHO

J.M.P.S	09
Uma certa Maria	09
Dona Maria Doméstica	09
Fabricando	10

FAMÍLIA

Minha infância	12
Trecho de Guimarães Rosa	13
Paternidade responsável	13

AMOR

Sentimental	15
Tradução	15
Quadras ao gosto popular	16
Ousadia	17
Do coração	18

VIOLÊNCIA

Poema tirado de uma notícia de jornal	19
O bicho	19
Domingo no parque	20

Essas meninas	21
Tragédia brasileira	21
Criança vira personagem de guerra	22

POLÍTICA

Confusão	24
Trecho de Mário Palmério	25
Democracia e educação	26
Ano de copa do mundo e de eleições	26

FILOSOFIA DE VIDA

Andorinha	28
(sem título)	28
Das pedras	28
Paraíso	29
Quem rouba e fere a terra	29
Instantes	31
Lamento Sertanejo	32

TEXTOS DIVERSOS, PARA LER, OUVIR E

CONTAR

Gretel, a esperta	33
Festa no céu	35
O homem que roubou os bodes	36
O caboclo, o padre e o estudante	36
Sopa de pedras	37
O sonho e a fronha	39
Enchente	40
Bolhas	40
O santo no monte	41
Lampião e a velha feiticeira	42



Escola, escrita e aprendizado da leitura

AO COMANDO!

Aprenda o mais simples!
Para aqueles cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC, não basta, mas
Aprenda! Não desanime!
Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!

Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda ancião!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.

Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe vencer
Veja com seus olhos!
O que não sabe por conta própria
Não sabe.

Verifique a conta
É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte o que é isso?
Você tem que assumir o comando
(B. Brecht)

(SEM TÍTULO)

Meu pouco estudo
Minha leitura fraca
Eu aprendi numa escola rural
Dessas pequenininhas
Que cabem no bolso
Dessas que
Numa olhadela
Cabe a escola todinha
E agüenta ainda
Litros de céu
Árvores e árvores
Cachorros e seus cocôs no corredor
E um menino com a cara breada de terra
Brincando com os números

Chico dos bonecos (Francisco Marques Rocha)

O PAPEL E A TINTA

Certo dia, uma folha de papel que estava em cima de uma mesa, junto com outras folhas exatamente iguais a ela, viu-se coberta de sinais. Uma pena, molhada de tinta preta, havia escrito uma porção de palavras em toda a folha.

- Será que você não podia ter me poupado esta humilhação? disse, furiosa, a folha de papel para a tinta.

- Espere! respondeu a tinta - Eu não estraguei você. Eu cobri você de palavras. Agora você não é mais apenas uma folha de papel, mas sim uma mensagem. Você é guardiã do pensamento humano. Você se transformou num documento precioso.

E, realmente, pouco depois, alguém foi arrumar a mesa e apanhou as folhas de papel para jogá-las na lareira. Mas subitamente reparou na folha escrita com tinta e então jogou fora todas as outras, guardando apenas a que continha uma mensagem escrita.

(Leonardo da Vinci)

LEMBRANÇAS DA ESCOLA

Eu estudei numa escolinha no interior. Lá todos os dias nós iam à escola. Dava uns duzentos metros de onde eu morava, mas a gente saía uma hora antes para brincar em um barranco que tinha em frente da escola, nós nos arrastávamos no barranco. Quando a professora chegava, nós corríamos lavar as mãos num rio que tinha perto da escola. A gente lavava as mãos bem rápido. Quando chegava na sala de aula e pegava os cadernos, ficava o sinal dos dedos sujos nas folhas.

A professora dava trabalho para fazer, um copiava do outro para fazer mais rápido e conversar.

Dez minutos antes do recreio, nós iam fazer o lanche. Quando nós estávamos fazendo o lanche, uma ia fazer cigarro para fumar.

Eu estudei até a segunda série, mas nem sabia ler, eu ia ler, pulava a metade da lição e a professora nem ligava, a gente só falava “já li”, a professora mandava sentar.

Chegava o fim do ano, as crianças não sabiam nada, reprovavam.

Os pais iam falar com a professora e ela mandava sempre a mesma resposta, que os pais tinham que dar remédio porque as crianças eram muito cabeçudas, que ela ensinava bem. Mas a verdade ela não contava, que nós ficávamos fumando junto dela e contando caso.

E ela falava: “Vocês querem estudar, estudem que eu estou muito cansada”. E nós brincávamos na sala até dar o horário de ir embora. Os pais não podiam reclamar porque a professora era parente do prefeito. Um dia os pais dos alunos foram reclamar na prefeitura, o prefeito mandou eles ficarem quietos que ele era quem mandava nas escolas.

Eu aprendi um pouco porque meu pai nas horas de folga me ensinava a escrever e ler, se não fosse meu pai eu nem sabia escrever meu nome. Como ele queria que os filhos não se criassem analfabetos ele mandava nós para a aula, mas no fim ele é que dava aula para nós.

Lidia Zapatocheve - aluna da 4ª série do Supletivo do Colégio Santa Cruz

O ANALFABETO

Sabendo que o vigário da paróquia estava precisando de um sacristão, o Nicola o procurou para candidatar-se ao lugar. Mas, por ser analfabeto, não foi aceito.

Tendo já, por esse mesmo motivo, perdido outros empregos, resolveu finalmente ganhar a vida trabalhando por conta própria, comprando aqui tudo quanto lhe aparecia: frutas, ferro velho, garrafas vazias, etc.

Trabalhador, ativo e extremamente econômico, não lhe foi difícil acumular, em pouco tempo, um bom capital.

Com o passar dos anos, seus negócios tornaram-se mais importantes. Comprava e vendia cereais em alta escala e fazia grande movimento nos Bancos. Tornou-se, enfim, um forte negociante no ramo a que se dedicara.

Certo dia, foi ao Banco, com o qual mantinha grandes transações, para retirar alguns conhecimentos de embarque de café, que havia caucionado. Depois de preparar o recibo para a devolução daqueles documentos, o funcionário pediu-lhe que o datasse e assinasse, sobre as respectivas estampilhas. E, enquanto desenhava com dificuldade a assinatura, o Nicola ia dizendo:

- Eu assino e depois o senhor completa o resto, porque só sei escrever o meu nome.

Admirado, o funcionário comentou, delicadamente:

- Mas, como é isso, seu Nicola? Então o senhor, um homem rico como é, não sabe escrever?

- Felizmente! Pois se eu soubesse ler e escrever, até hoje ainda seria sacristão...

(Décio Valente)

VONTADE DE ACERTAR

A enorme habilidade popular de tentar agradar o interlocutor é ilustrada por D. Paulo Evaristo Arns, Cardeal de São Paulo com um caso que costuma contar dos seus tempos de padre recém ordenado em Petrópolis.

Tinha o hábito de andar pela paróquia fazendo visitas. Numa dessas andanças, sua atenção foi chamada por um coro de crianças que vinha da sala de aula de uma escolinha local. Curioso chegou até a janela. Pelo vidro, pôde ver a professora comandando uma atividade para aprendizado de profissões.

A professora apontava para a sua mesa e perguntava:

- Quem foi que fez esta mesa?

A criança respondia sem pestanejar:

- O marceneeeiro!!!

Apontava para a parede e perguntava:

- E quem fez a parede?

E a criança:

- O pedreeiro!!!

D. Paulo, por trás da vidraça observava interessado, quando foi descoberto pela professora:

- Olha gente, olha quem está ai, o frei Evaristo! Entra frei, entra!!!

Pego de surpresa, pois não tinha tido nenhuma intenção de interromper a aula, D. Paulo não teve outra alternativa senão entrar.

E agora? O que falar para aquelas crianças cujos rostinhos olhavam atentos para a sua figura de frade. Sentiu o peso da batina...

Meio sem graça, resolveu embarcar na canoa da professora.

- Muito bem, começou, estou vendo que vocês estão aprendendo uma coisa muito importante. O nome das profissões. Vamos ver se vocês já aprenderam bastante.

Repetindo o último gesto da professora, apontou para a parede e perguntou:

- Quem foi que fez a parede?

E a garotada, sem pestanejar respondeu, imediatamente em coro:

- "Foi DEEEEEUS!!!

Do jornal GIZ, ano 1, n.0, Jun. 1993

O ATO DE ESTUDAR

A

Tinha chovido muito toda a noite. Havia enormes poças de água nas partes mais baixas do terreno. Em certos lugares, a terra, de tão molhada, tinha virado lama. Às vezes, os pés apenas escorregavam nela. Às vezes, mais do que escorregar, os pés se atolavam na lama até acima dos tornozelos. Era difícil andar, Pedro e Antônio estavam transportando numa caminhonete cestos cheios de cacau para o sítio onde deveriam secar. Em certa altura, perceberam que a caminhonete não atravessaria o atoleiro que tinham pela frente. Pararam. Desceram da caminhonete. Olharam o atoleiro, que era um problema para eles. Atravessaram os dois metros de lama, defendidos por suas botas de cano longo. Sentiram a espessura do lamaçal. Pensaram. Discutiram como resolver o problema. Depois, com a ajuda de algumas pedras e de galhos secos de árvores, deram ao terreno a consistência mínima para que as rodas da caminhonete passassem sem se atolar.

Pedro e Antônio estudaram. Procuraram compreender o problema que tinham a resolver e, em seguida, encontraram uma resposta precisa. Não se estuda apenas na escola.

Pedro e Antônio estudaram enquanto trabalhavam. Estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema.

B

Esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos caracteriza o ato de estudar. Não importa que o estudo seja feito no momento e no lugar do nosso trabalho, como no caso de Pedro e Antônio, que acabamos de ver. Não importa que o estudo seja feito noutro local e noutro momento, como o estudo que fazemos na escola. Em qualquer caso, o estudo exige sempre esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos.

Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade; se desistimos da leitura quando encontramos a primeira dificuldade. Que seria da produção de cacau naquela roça se Pedro e Antônio tivessem desistido de prosseguir o trabalho por causa do lamaçal?

Se um texto às vezes é difícil, insiste em compreendê-lo. Trabalha sobre ele como Antônio e Pedro trabalharam em relação ao problema do lamaçal.

Estudar exige disciplina. Estudar não é fácil porque estudar é criar e recriar e não repetir o que os outros dizem.

Estudar é um dever revolucionário!

de A Importância do Ato de Ler, Paulo Freire.

J.M.P.S.

(da cidade do porto)

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

Oswald de Andrade

UMA CERTA MARIA

Acorda às cinco.

Antes dos patos passarem,

Metete lenha no fogo,

Prepara o quebra-jejum,

Põe a enxada nas costas

E sai cantando uma moda

No caminho da roça.

Cícero Gomes da Silva

DONA MARIA DOMÉSTICA

Dona Maria diz que aprendeu muita “psicologia” trabalhando em diferentes casas de família de renda média até renda alta. “Um lição que eu nunca vou esquecer é a da dona onde eu trabalhei faz dois anos. No começo achei a casa até boa de trabalhar. Era um casal com um filho, rapazinho educado, o marido advogado, muito bom, muito respeitoso comigo. A dona eu estranhava desde que entrei lá, achava ela meia doida. Com o marido bom daquele jeito, ela saía todo dia de manhã, sem lavar a cara, meio descabelada, atrás dele para ver se não ia encontrar com outras. Coisa de gente doida mesmo. às 8 horas da manhã. Eu não tinha nada com isso mas ficava desconfiada da mulher.

De fato não demorou uma semana para eu ter a minha parte. Eu esperava a noite, quando ninguém mais ia para a área de serviço para lavar minhas roupas íntimas, que eu nunca achei direito deixar pendurado, todo mundo vendo. Mas aí veio a dona uma noite no meu quarto, descabelando, que até tomei um susto, achando que tinha acontecido alguma coisa. Ela disse que eu devia saber que roupa de empregada só pode ficar no banheiro de empregada. Que eu estava proibida de usar o tanque para lavar minhas peças porque o tanque só era para lavar as roupas dela e da família. Eu chorei a noite inteira de vexame e se não fosse por precisão arrumava as malas e ia embora na hora. Achava que a dona não tinha razão porque eu tenho saúde, apresentei carteira de saúde quando entrei lá.

Mas isso foi só o começo. Empregada lá não podia comer da mesma comida que a família. Era outra comida, mas eu nunca liguei muito para isso. Só tinha raiva quando ela vinha se fazer de boazinha e me mandava comer doces ou frutas já estragando, depois de ficar um mês lá rodando. Coisa que eu não dava nem para os mendigos que passavam pedindo esmola. Eu, graças a Deus, não passava fome, porque sempre tinha uns biscoitos no meu quarto. Um dia eu tinha extraído os dentes e não podia comer a comida pesada. Daí eu aproveitei uma colher de carne que sobrou da raspa de uma panela do almoço deles e usei para engrossar um caldo para mim. Meu Deus, a mulher ficou doida. só faltou me bater. Disse que aquilo era para o jantar da família. Só por injustiça, que era tão pouco que não dava para nada.

Isso também eu agüentei mas chegou o limite. Eu tava uma tarde passando roupa no meu quarto, ouvindo baixinho um rádio de pilha que eu mesma comprei com sacrifício. Daí chegou a dona, acabando de levantar descansada, sossegada, só para me perturbar a vida. Ela chegou à toa e foi dizendo com um risadinha de gente ruim. “Isso é que é vida, hein dona Maria”. Eu não respondi nada mas fiquei inchada de raiva e pensei comigo. “O que você quer é uma escrava. né dona. Pois eu não fico aqui nem mais um dia. nem que tiver que dar terra para os meus filhos comer. Se quiser escrava arranje uma”.

“Donas assim que nem essa, vira e mexe aparece uma. Mas já peguei até fardo dessas donas e não fico nem que me pagar ouro. Eu sou pobre mas sou gente. Como eu respeito, eu quero ser respeitada. O que me anima é que não tem empregada que para nas casas dessas mulheres ruins. Aquela mesma que eu trabalhei, toda vez que pego jornal na sessão de emprego vejo lá o nome dela pedindo empregada. Ela já chegou mesmo a me procurar na casa de outra patroa, dizer que não entendeu porque eu fui embora e dar uma de boazinha. Eu não respondo nada pra ela. Mas às vezes dá vontade de chegar e dizer que o que eu preciso é trabalhar, mas não debaixo de chicote”

*Fátima Murad (Retirado de Cadernos de Debate nº 2 - Mulher -
Depoimentos de um trabalho ignorado)*

FABRICANDO

Já quase pegando os quinze anos, as coisas foram ficando difíceis. Tava vendo que o trabalho de pai, chegando mais tarde toda a noite, pouco adiantava. Até que um dia ele chegou na sala, todo mundo assistindo novela, então disse que eu já tava na hora, de ir começando a trabalhar, cooperando com o sustento da casa. Não disse nada. Mãe reclamou que ainda era cedo, logo agora que ele tá para findar o estudo no grupo, esperasse um pouco mais, terminasse o ginásio, aí sim tava no ponto. Pai respondeu, já se sentando na mesa, que se quisesse continuar o estudo, que fosse de noite. Todo mundo faz assim, completou.

Pois não fiquei muito sentido. O lugar da gente se divertir, o campinho, há muito tava cercado. A construção da fábrica tomava tudo, cerca de arame com quatro fios, farpados. Só se ouvia de longe o barulho do concreto sendo despejado no chão, serras elétricas, serrotes comuns cortando madeiras; enxadas e pás tinindo de manhã à noite. Fizesse sol ou chuva. Já não se escutam os gritos da molecada correndo atrás de bola, não. Só o ronco dos caminhões descarregando, o apito de hora em hora, avisando. A vila crescendo, mudando de cara, o apito avisando, crescendo, inchando de gente. A fábrica cada dia mais se alargando como teia de aranha, pegando os viajantes chegados de carteira em branco,

com precisão, dando serviço aos que sabiam ler alguma coisa, o apito chamando. Alguns, sem ciência de causa, achavam o serviço até bom, pois de onde eles chegavam, diziam, não temos nem onde cair morto. Pai, feitor, repetia a fala deles assim, sem dó.

Falo assim porque sei. Conheci isso aqui, nascendo, nos seus primeiros dias. Vi, por esta luz que me alumia, um dia na tarde, um homem soltar um balde de cimento, escorregar no andaime mais alto, cair em piruetas, abrir os braços no ar e se chocar ao chão com baque surdo entre matos. Quis correr pra lá, mas fiquei receoso. Houve um ajuntamento de outros operários que estancaram o trabalho, mas não puderam fazer mais nada. Um feitor gritou que podia deixar, ele cuidava de tudo, que fossem trabalhar, não queria paradeiro ali; arrastou o corpo pelos braços sujando o mato de sangue e entrou com esforço na construção, puxando o defunto.

Corri medroso, nessa hora cheguei em casa sem saber fazer o quê. Mãe perguntou o que eu tinha visto. tá branquelo, perdeu o sangue das veias, encontrou assombração, a policia te pregou um susto, isso só dá em quem fica na rua zanzando, vadiando. Bem feito, terminou dizendo.

Não contei nada. Nunca tinha visto ninguém morrer. De noite na mesa, todo mundo jantando, toquei no assunto. Pai assuntou acendendo um cigarro, mãe repreendeu com as vistas, aí pai disse vai dormir, deixa de histórias de Trancoso. Depois, ele falou que dessa semana eu não passava, já tinha emprego garantido. Ia começar, passado do tempo, no mais tardar, segunda-feira que entra. Sai pro quarto, uma coisa me dizendo na cabeça, perguntando, se trabalhar é bom.

Ainda não sei. Continuo no grupo estudando na hora da noite. A bola foi pra um canto da casa e nunca mais saiu de lá. Mãe, agora, quase nada conversa o dia todo. Sozinha em casa, com quem? Na rua ela ainda não fez amizade.

Roniwalter Jotobá de Almeida

MINHA INFÂNCIA

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam - eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava.
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
Secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalmado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam o diziam:
“Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.

Tinha medo das histórias que ouvia, então, contar:
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.
Almas penadas do outro mundo e do capeta.
Tinha as pernas moles e
os joelhos sempre machucados,
feridos esfolados,
De tanto que caía.
Caía à toa.

Cora Coralina

Da mulher - que me chamaram: ela não estava conseguindo botar seu filho no mundo. E era noite de luar, essa mulher assistindo num pobre rancho. Nem rancho, só um papiri à-toa. Eu fui. Abri, destapei a porta - que era simples encostada, pois que tinha porta; só não alembro se era um couro de boi ou um traço de buriti. Entrei no olho da casa, lua me esperou lá fora. Mulher tão precisada: pobre que não teria o com o que e o para uma caixa-de-fósforos. E ali era um povoado só de papudos e pernósticos. A mulher me viu, da esteira em que estava se jazendo, no pouco chão, olhos dela alumiararam de pavores. Eu tirei da algibeira uma cédula de dinheiro, e falei: - "Toma, filha de Cristo, senhora dona: compra um agasalho para esse que vai nascer defendido e são, e que deve se chamar Riobaldo." Digo ao senhor: e foi menino nascendo. Com lágrimas nos olhos, aquela mulher rebeijou minha mão... alto eu disse, no me despedir: "minha Senhora Dona: um menino nasceu - o mundo tornou a começar!... - e saí para as luas"

de Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa

PATERNIDADE RESPONSÁVEL

Quantos filhos você gostaria de ter?

Aposto que, ao responder a essa pergunta, uma coisa vai passar na sua cabeça:

Será que vou conseguir sustentar um filho?

Certamente você gostaria de ter tantos filhos quantos pudesse sustentar, garantindo uma boa escola, um lugar razoável para morar e remédios. Simples, não é?

A verdade é que não é tão simples assim. A falta dessa simplicidade tem a ver com a crise social brasileira. E, mais uma vez, mostra o custo social da ignorância.

De acordo com o Ministério da Saúde, de um milhão e meio a dois milhões de adolescentes engravidam por ano. E engravidam por falta de condições de comprar anticoncepcionais ou porque não têm informações.

Segundo os médicos, ter filho na adolescência é perigoso para a mãe, pois seu corpo ainda não está preparado para o parto. E aí, além de um problema de saúde, surge um problema social: Como ela vai sustentar a criança?

Afinal, para cuidar de uma criança, a adolescente terá de abandonar a escola. Isso, se estiver estudando, é claro. No Brasil se faz, anualmente, quatro milhões de abortos. Salvo algumas exceções (estupro ou risco de vida da mãe), o aborto é ilegal.

A mulher procura clínicas clandestinas, sem fiscalização, correndo riscos de saúde. Quem não tem condições de pagar essas clínicas usa métodos ainda mais precários para tirar o bebê. Todo ano, quatrocentas mil mulheres vão parar em hospitais para tratar seqüelas do aborto.

Isso acontece, em parte, porque não existe no Brasil um amplo projeto de planejamento familiar que assegure aos casais mais humildes a capacidade de decidir quantos filhos desejam ter. Então, a mulher tem quatro, cinco, seis ou até mais filhos, quando não conseguiria sustentar com dignidade nem dois ou até mesmo um.

Por que a esterilização se propaga

Como não há um acesso fácil à pílula, muita gente parte para métodos mais radicais como cirurgia para a esterilização, que é irreversível. Geralmente, quem faz uma operação desse tipo jamais poderá ter outros filhos.

Em 1992, uma CPI do Congresso investigou a esterilização de mulheres no Brasil. Um dos motivos dessa CPI foram dados do próprio governo: 7,5 milhões de mulheres entre quinze e 45 anos (idade considerada reprodutiva) já teriam sido esterilizadas no país.

Muitas nem sabem que a operação é irreversível e algumas não tiveram nem ao menos um filho. Quando se arrependem, é tarde.

A falta de informação sobre a saúde reprodutiva tem conseqüências graves. Isto porque muitas mocinhas, que não levadas a ganhar a vida com o sexo, sabem pouco sobre o funcionamento do próprio corpo. Algumas não fazem idéia de como evitar filhos, por exemplo.

Falsas soluções

A primeira regra de todo indivíduo que preza sua liberdade é questionar tudo que ouve e lê, independentemente de quem fala ou escreve. A desconfiança deve aumentar quando, diante de problemas complexos, são sugeridas soluções fáceis.

A questão populacional também encontra soluções fáceis. Uma delas parte do pressuposto de que causa da miséria é o excesso de miseráveis. Logo, vamos impedir que eles tenham filhos e, assim, acabamos com a miséria.

Em primeiro lugar, num regime democrático, ninguém pode impor a alguém o número de filhos. Pode apenas argumentar que a vida da família iria melhorar com a paternidade responsável.

E em segundo lugar, o que acaba com a miséria é o crescimento econômico, a distribuição de renda e o investimento social.

Em cima desse conceito, surge outra saída fácil. A idéia de que o problema é econômico. Portanto, vamos esperar o crescimento, a distribuição de renda, etc. E, assim, não precisamos nos preocupar com o planejamento familiar.

Trecho adaptado de O cidadão de papel de Gilberto Dimenstein

SENTIMENTAL

Ponho-me a escrever teu nome
com letras de macarrão
No prato, a sopa esfria, cheia de escamas
e debruçados na mesa todos contemplam
esse romântico trabalho.

Desgraçadamente falta uma letra,
uma letra somente
para acabar teu nome!
- Está sonhando? Olhe que a sopa esfria!
Eu estava sonhando...
E há em todas as consciências um cartaz amarelo:
“Neste país é proibido sonhar”
Carlos Drummond de Andrade

TRADUÇÃO

Teresa, se algum sujeito bancar o sentimental em cima de você
E te jurar uma paixão do tamanho de um bonde
Se ele chorar
Se ele se ajoelhar
Se ele se rasgar todo
Não acredita não Teresa
É lágrima de cinema
É tapeação
Mentira
Cai Fora

QUADRAS AO GOSTO POPULAR

Duas horas são passadas
Sem que eu te veja passar
que coisas mal combinadas
Que são amor e esperar

Compreender um ao outro
É um jogo complicado,
Pois quem engana não sabe
Se não estava enganado

Linda noite a desta lua,
Lindo luar o que está
A fazer sombra na rua,
Por onde ela não verá.

Há verdades que se dizem
E outras que ninguém dirá.
Tenho uma coisa a dizer-te
Mas não sei onde ela está.

Dei-lhe um beijo ao pé da boca
Por a boca se esquivar.
A idéia talvez foi louca
O mal foi não acertar.

“Vou trabalhando a peneira
E pensando assim...
Eu não nasci para freira.
Gosto que gostem de mim”.

OUSADIA

A moça ia no ônibus muito contente desta vida, mas, ao saltar, a contrariedade se anunciou:

- A sua passagem já está paga - disse o motorista.

- Paga por quem?

- Esse cavalheiro aí.

E apontou um mulato bem vestido que acabara de deixar o ônibus, e aguardava com um sorriso junto à calçada.

- É algum engano, não conheço esse homem. Faça o favor de receber

- Mas já está paga...

- Faça o favor de receber! - insistiu ela, estendendo o dinheiro e falando bem alto para que o homem ouvisse: - Já disse que não conheço! Sujeito atrevido, ainda fica ali me esperando, o senhor não está vendo? Vamos, faço questão que o senhor receba minha passagem.

O motorista ergueu os ombros e acabou recebendo: melhor para ele, ganhava duas vezes.

A moça saltou do ônibus e passou fuzilando de indignação pelo homem.

Foi seguindo pela rua, sem olhar para ele.

Se olhasse, veria que ele a seguia, meio ressabiado, a alguns passos

Fernando Sabino

DO CORAÇÃO

Gugu

Adoro você

Kátia

Ana Lúcia Miller

Apesar de você não mais me
querer ...

Ainda te amo demais

Fernando

Ro

Para nós, todos
os dias são dos
namorados.

Te amo.

So

João

Que pena que foi tudo tão rápido.

Fiquei tonto.

Tati

Fofinho

Já se passaram
15 anos, mas o meu amor
por você continua como
no início. Te amo.

Catatau

Meu amor Ivone

Dia 12 de junho completam-se
9 anos de casados. O que eu mais
desejo é que Deus ajude-nos
a permanecermos juntos
até que a morte nos separe. Te amo!!

Ricardo C. Melaquiades

Paulo César

Foi tão bom te conhecer,
tão fácil te querer,
triste não te ver
por tanto tempo.

Lissandra

Célia Nakabuashi

Obrigado pelos 8 anos
e por nossos filhos. Te amo muito!!!

Ivan - Marcello - Fernanda

*Anúncios classificados do Dia dos Namorados,
publicados na Folha de São Paulo, 12 de junho
de 1991*

POEMA TIRADO DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Manuel Bandeira

O BICHO

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos
Não examinava nem cheirava
Engolia com voracidade
O bicho não era um cão
Não era um gato
Não era um rato
O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

DOMINGO NO PARQUE

O rei da brincadeira - é José
O rei da confusão - é João
Um trabalhava na feira - é José
Outro na construção - é João

A semana passada, no fim da semana,
João resolveu não brigar.
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra ribeira jogar
Capoeira.
Não foi pra lá, pra ribeira,
Foi namorar.

O José, como sempre, no fim da semana
Guardou a barraca e sumiu.
Foi fazer, no domingo, um passeio no parque,
Lá perto da boca do rio
Foi no parque que ele avistou
Juliana,
Foi que ele viu.
Juliana na roda com João,
Uma rosa e um sorvete na mão.
Juliana, seu sonho, uma ilusão,
Juliana e o amigo João.

O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração.
O sorvete e a rosa - é José
A rosa e o sorvete - é José
Oi dançando no peito - é José
Do José brincalhão - é José
O sorvete e a rosa - é José
Oi girando na mente - é José
Do José brincalhão - é José

Juliana girando - Oi girando
Oi na roda gigante - Oi girando
Oi roda gigante - Oi girando
O amigo João - Oi João
O sorvete é morango - é vermelho
Oi girando e a rosa - é vermelha
Oi girando, girando - olha a faca
Olha o sangue na mão - é José
Juliana no chão - é José
Outro corpo caído - é José
Seu amigo João - é José

Amanhã não tem feira - é José
Não tem mais construção - é João
Não tem mais brincadeira - é José
Não tem mais confusão - é João.

ESSAS MENINAS

As alegres meninas que passam na rua, com suas pastas escolares. às vezes com seus namorados. As alegres meninas que estão sempre rindo, comentando o besouro que entrou na classe e pousou no vestido da professora; essas meninas; essas coisas sem importância.

O uniforme as despersonaliza, mas o riso de cada uma as diferencia. Riem alto, riem musical, riem desafinado, riem sem motivo: riem...

Hoje de manhã estavam sérias, era como se nunca mais voltassem a rir e falar coisas sem importância. Faltava uma delas. O jornal dera notícia do crime. O corpo da menina encontrado naquelas condições, em lugar ermo. A selvageria de um tempo que não deixa mais rir.

As alegres meninas, agora sérias, tornaram-se adultas de uma hora pra outra, essas mulheres.

Carlos Drummond de Andrade

TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário público, com 63 anos de idade.

Conheceu Maria Elvira na Lapa - prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura. Dava tudo quanto ela queria

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio. Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Bandeira

Criança Vira Personagem de Guerra

Já se fala que a violência atingiu um nível tão alarmante que o Brasil viveria uma guerra civil. Uma pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde revelou que, em 1990, pelo menos três pessoas foram assassinadas por hora pelos mais diferentes motivos.

Isto significa que se mata aqui, em dois anos, mais do que o total de soldados norte-americanos mortos durante toda a guerra do Vietnã. Lá morreram 48 mil americanos. Aqui, são mais de 26 mil assassinatos por ano.

Na década de 80, começou a se descobrir que não são apenas adultos as vítimas dessa verdadeira guerra.

Em 1989, uma pesquisa revelou que a cada dois dias uma criança era assassinada por policiais ou por grupos de extermínio formados por seguranças particulares contratados por empresários.

As vítimas foram apontadas como meninos de rua, acusados de marginais e sumariamente executados. Um levantamento realizado pela universidade São Paulo (USP) sobre o perfil da vítima mostra que a maioria trabalhava e não tinha envolvimento com drogas. Isso significa que eles foram mortos só porque alguém achou que estavam fazendo algo errado.

Essas revelações chocaram o Brasil e até mesmo o mundo, provocando indignação internacional. inúmeros documentos produzidos no exterior referiam-se à violência contra a criança.

As revelações serviram para mostrar que, apesar de o país ser democrático, não garante o direito mais elementar de um indivíduo, o direito à vida.

A democracia é mais civilizada do que a ditadura porque, todos - do presidente ao menino de rua - deveriam ter seus direitos assegurados.

Isso é o que pomposamente se chama Estado de Direito Democrático. É o que garante a você andar na rua e não ser preso, se não tiver feito nada de errado.

As revelações sobre assassinatos também chocaram o mundo por mostrar a brutal diferença entre as intenções e a realidade. Em 1988, os deputados e senadores redigiram uma nova Constituição, onde estão nossos direitos. No artigo 227 está escrito:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à saúde, à alimentação, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.

Para dar vida a essas palavras, o Congresso aprovou o Estatuto da Criança e do Adolescente. Esse documento estabeleceu detalhadamente o papel do Estado, da família e da sociedade.

O policial que gostou do incêndio

Apesar das impressionantes revelações, pesquisas de opinião pública mostram que a maioria dos brasileiros estão insensível à violência contra a criança carente.

Muitos não admitem publicamente, mas, no fundo, concordam com o extermínio. Supõem que, assim, estariam mais seguros. Dissemina-se o preconceito: passa-se a ver toda e qualquer criança de rua como marginal ou necessariamente candidato a marginal.

Esse clima de insegurança fez com que a maioria da população defendesse a pena de morte ou exigisse que Marinha, Aeronáutica e Exército saíssem dos quartéis, tomando conta das ruas. Essas pessoas nem se dão conta de que é algo parecido a culpar o termômetro pela febre. O termômetro mede o efeito da doença.

Em outubro de 1922, ocorreu em São Paulo uma cena que mostra com perfeição esse clima. Rebelados, garotos colocaram fogo nas instalações da FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), destinada a infratores. Do lado de fora, um policial satisfeito com as chamas comentou na frente dos repórteres:

“Deixa pegar fogo. Tô adorando. Dá até para fazer churrasquinho.”

Trecho adaptado do O cidadão de papel de Gilberto Dimenstein

CONFUSÃO

Alguma coisa estranha começou a acontecer na Floresta da Brejaúva: árvores derrubadas, rios imundos, bichos brigando...

No meio de tanta tristeza, alguns bichinhos tomaram uma atitude: convidaram a bicharada para um Grande Encontro Geral.

A notícia se espalhou como fumaça. E como atrás de fumaça vem fogo, a notícia se espalhou como fogo!

E no dia marcado, debaixo de uma árvore (uma que sobrou!) o Sapo puxou a prosa:

- Esta floresta está ficando muito esquisita. Precisamos acabar com essa esquisitice!

A conversa estava animada, mas logo começou uma confusão danada. Cada bicho tinha uma mania...

A onça só queria dar ordens.

O Papagaio só queria falar, falar, falar...

A Preguiça, pendurada na embaúba, puxava aquela soneca.

A Coruja não falava um "a", mas prestava uma atenção...

O macaco só fazia macaquices.

O Camaleão mudava de cor (e de opinião) toda hora.

O Beija-flor não parava quieto.

*Agora minha gente,
responda com exatidão:
como pode a bicharada
chegar a uma conclusão?
Responda com urgência!
Chega de confusão!
Como pode a bicharada
resolver a situação?*

João Soares estava com a razão: política só se ganha com muito dinheiro. A começar pelo alistamento, que é trabalhoso e caro: tem-se de ir atrás de eleitor por eleitor, convencê-los a se alistarem, e ensinar tudo, até a copiar o requerimento. Cabo de enxada engrossa as mãos - e o sedenho das rédeas, o laço de couro cru, machado e foice também. Canela e lápis são ferramentas muito delicadas. A lida é outra: labuta pesada, de sol a sol, nos campos e nos currais. É marcar bezerro, é curar bicheira, é rachar pau de cerca, é esticar arame farpado, roçar invernada, arar chão, capinar, colher... e quem perdeu tempo com leitura e escrita, em menino, acaba logo esquecendo-se do pouco que aprendeu. Ler o que? Escrever o que? Mas agora é preciso: a eleição vem aí, e o título de eleitor rende a estima do patrão, a gente vira pessoa. Acontece, também, que Pé-de-Meia não quer saber de histórias: é cabo eleitoral alistador de gente, pago por cabeça, e tem de mostrar serviço. Primeiro, a conversa pacientemente, amaciando o terreno; a luta, depois: "Minha vista anda que é uma barbaridade. E de uns tempos para cá, apanhei uma tremedeira que a mão não me para mais quieta..." O novato sua, desiste: "- Vai não, Pé-de-Meia." Mas o cabo é jeitoso: não força, não insiste - espera. Tempo só de passar a gastura que a caneta sempre dá no principiante. "Tão fácil... - o requerimento já está pronto, rascunhado no papel almaço a lápis fininho, macio de apagar: "João Francisco de Oliveira, abaixo assinado, brasileiro, residente..." Depois do jantar, já menos afadigado, João Francisco tenta de novo. A mulher está perto, os filhos também. O roceiro lavou as mãos, a lamparina queima claridade dobrada, de bom pavio novo. Repega no servicinho: "- Sai da frente da luz, menino! Me dá um copo de água, ô Cota. Qual... minha vista não presta mesmo mais não. Besteira teimar." Pé-de-Meia não deixa afrouxar o embalo: "- Me dá licença, seu João. "E pega no maozão cascudo, pesado tal um caminhão de tora. Vai choferando a bicha, para cima e para baixo, caminhando com ela por sobre o papel; o rastro fica: primeiro, a foice espigada do jota; depois, a laçada bamba do ó; em seguida, mais duas voltas grandes, repassadas e atreladas uma à outra. Mas ainda falta o remate: o urubuzinho do til que Pé-de-Meia fez João Francisco desenhar, bem saliente, por cima do primeiro trecho da tremida assinatura. " - Já varamos um bom eito. Vamos descansar um pouco: ainda falta o Francisco, falta o de Oliveira..." Não é fácil, não senhor, leva tempo. Mas aos poucos João Francisco aprende a relaxar a mão, descobre que não carece de fazer tanta força, já não molha de suor o papel. João Soares estava com a razão. Eleição custa dinheiro. Um cabo eleitoral prático assim como o Pé-de-Meia garantia o serviço, mas cobrava vinte mil-réis por cabeça. E as despesas não ficavam nisso: poucos são os registrados e cumpre fazer o registro; se o eleitor nasceu ou casou fora do município, tem-se de mandar buscar a certidão por um positivo de confiança. E lá se vai um dinheirão! Depois, a entrega dos títulos. Bóia e pagode. E condução para muita gente - roceiro, quando viaja, carrega a família toda. A fila em frente do juiz se reveza, e isso custa mais um auxílio ao Pé-de-Meia, cuja presença o eleitor exige para assisti-lo na hora de passar o recibo. Lá está ele, botando coragem no povo: "- Não se afobe, capriche. Você está implicando à toa com o efe - a letra é facinha. Se não decorou direito a voltinha, deixe: o juiz não repara, não ..."

Trecho do livro Vila dos Confins de Mário Palmério

DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO

A democracia é o regime que garante a liberdade de todos escolherem seus governantes. Mas só existe liberdade quando se pode optar. E só existe opção quando se tem informação. A capacidade de um analfabeto ter informação é muito limitada. Ninguém pode dizer que é livre para tomar o sorvete que quiser se conhecer apenas o sabor limão.

Para um analfabeto é muito mais difícil avaliar e comparar as propostas dos candidatos, notar suas contradições, informar-se sobre o seu passado. Essa dificuldade existe para qualquer pessoa desinformada, analfabeta ou não.

Apesar das advertências sobre suas contradições, publicadas em jornais e revistas, Fernando Collor venceu as eleições à Presidência. Havia uma série de dados mostrando a diferença entre o que ele prometia e o seu passado, inclusive no campo da moralidade.

No primeiro turno das eleições, a maior parte de seu votos veio de pessoas com menor instrução. Elas se sensibilizaram com a promessa de salvação para os descamisados. Collor perdeu o poder, depois de um processo de *impeachment*, acusado de corrupção. Isso apesar de ter ganhado a eleição com a bandeira da moralidade.

Por isso, a educação é um dos pilares básicos da democracia. Quanto maior a politização, mais difícil será a vida dos demagogos.

Trecho adaptado do Livro O Cidadão de Papel, de Gilberto Dimenstein

ANO DE COPA DO MUNDO E DE ELEIÇÕES

1994 é ano de Copa do Mundo e de eleição para presidente. Faz tempo que isso não acontece. A última vez foi em 1950. Getúlio ganhou a eleição e a seleção brasileira perdeu a final contra o Uruguai, em pleno Maracanã.

De lá para cá tivemos regularmente copas do mundo a cada quatro anos. Houve dez copas e nós ganhamos três. Mas eleições para presidente foram poucas - três: Juscelino terminou o mandato; Jânio renunciou sete meses depois de começar o governo; e Collor foi mandado embora pelo Congresso por corrupção.

Dos outros presidentes, dois foram interinos: Jango, que foi derrubado pelo golpe militar; e Itamar, que sucedeu Collor. Todos os demais foram escolhidos pelas Forças Armadas no tempo da ditadura.

O Estado brasileiro sempre foi instrumento de poder para as elites dominantes. Foi concebido e desenvolvido para aperfeiçoar o domínio de minorias. Até mesmo suas políticas de benefício para o grosso da população - quando existiram - não foram elaboradas como direitos, mas como formas de apaziguar conflitos sociais.

Um governo popular terá que lutar. pois, não apenas contra os obstáculos que se apresentarão no meio do grande empresariado (dos banqueiros, em primeiro lugar), dos bancos internacionais, da grande imprensa. Terá que lutar, também, contra os obstáculos do próprio Estado: do Judiciário, da burocracia, do corporativismo dos funcionários públicos, das máfias instaladas dentro do Executivo, além das resistências do próprio Parlamento.

Não se trata, portanto, simplesmente de substituir as políticas elitistas atuais por outras de caráter popular. É necessário enfrentar o desafio, em 1994, de lutar para reformar profundamente, a partir de 1995, as estruturas de poder no País - refundando-as na perspectiva dos interesses da maioria da população.

Um jogo de todos

Só por ter a possibilidade de encarar esse desafio, 1994 pode ser fundamental em toda a história política do Brasil. Este ano pode marcar uma virada decisiva, apontando para um destino muito diferente no novo século para o nosso povo.

Podemos ganhar ou não a Copa do Mundo nos Estados Unidos. Isso depende de alguns jogadores, do técnico e da nossa torcida. Mas, nas eleições de 1994, jogamos todos e o resultado está em nossas mãos. Não será uma vitória inabalável, nem suficiente, mas poderá dar ao povo brasileiro, pela primeira vez, maior possibilidade de tomar a história de todos e a de cada um em suas próprias mãos. E isso é muito para quem sempre foi vítima de um destino decidido pelas elites.

Trechos de encarte da Revista Tempo e Presença, n. 273

ANDORINHA

Andorinha lá fora está dizendo:

- "Passei o dia à toa, à toa!
"Andorinha, andorinha,
Minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

Manuel Bandeira

(SEM TÍTULO)

Para ser grande,
seja inteiro.
Nada seu exagere ou exclua
Seja todo em cada coisa.
Ponha tudo no mínimo que faça.

Assim, em cada lago
a lua toda brilha
porque alta vive.

Fernando Pessoa

DAS PEDRAS

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim
Levantei uma escada muito alta
no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.

Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos.

Cora Coralina

Paraíso

Se esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
Não para automóvel matar gente
Mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha
Eu não deixava derrubar
Se cortarem todas as árvores
Onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu
Eu não deixava poluir
Jogava esgotos noutra parte
Que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu
Eu fazia tantas mudanças
Que ele seria um paraíso
De bichos, plantas e crianças.

José Paulo Paes

QUEM ROUBA E FERRE A TERRA

Essa afirmação foi extraída da resposta dada por um cacique de uma nação indígena ao presidente norte americano, em 1855. O presidente queria comprar as terras dos índios.

Assim falou o cacique:

“O grande chefe de Washington

mandou dizer que deseja comprar nossa terra.

Será que se pode comprar nossa terra.

Será que se pode comprar o céu, o calor
da terra...?

Esta idéia nos é estranha.

Nós somos parte da terra

e ela é parte de nós

As flores perfumadas são nossas irmãs.

Os rios são nossos irmãos.

O veado, o cavalo, a grande águia
são nossos irmãos.

As cristas rochosas, os sumos das campinas
e o homem. todos pertencemos à mesma família.

Esta água brilhante que corre nos rios e
regatos não é apenas água:

é o sangue dos nossos antepassados.

O rumorejar da água é a voz do pai de meu pai

Cada reflexo na água límpida dos lagos
conta os eventos da vida do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende
o nosso modo de viver.

Para ele é um lote de terra igual a outro,
porque ele é um forasteiro que chega na calada
da noite.

Ele trata sua mãe terra e seu irmão céu como coisas que podem ser compradas,
saqueadas, vendidas...

Sua voracidade arruinará a terra deixando
para trás apenas um deserto.

De uma coisa sabemos: a terra não pertence ao
homem; é o homem que pertence à terra.

Disto temos certeza.

Todas as coisas estão
interligadas, como sangue que

une uma família. Não foi o
homem que teceu a trama da
vida: ele é meramente o fio da
mesma. Tudo que o homem
fizer à trama, a si próprio fará.
Ensina a teus filhos o que
temos ensinado aos nossos:
que a terra é nossa mãe.
Tudo quanto fere a terra, fere
aos filhos da terra.”

INSTANTES

Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais.

Seria mais tolo ainda, do que tenho sido, na verdade bem poucas coisas levaria a sério.

Seria menos higiênico, correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida; claro que tive momentos de alegria.

Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos.

Porque, se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos, não percas o agora.

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um pára-quedas; se voltasse a viver, viajaria mais leve.

Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

(Autor desconhecido)

LAMENTO SERTANEJO

Por ser de lá
Do sertão lá do cerrado
Lá do interior, do mato
Da caatinga, do roçado
Eu quase não saio
Eu quase que não consigo
Ficar na cidade sem viver contrariado
Por ser de lá
Na certa, por isso mesmo
Não gosto de cama mole
Não sei comer sem torresmo
Eu quase não saio
Eu quase não sou de nada
Sou como rês desgarrada
Nesta multidão, boiada caminhando a esmo.

Dominginhos e Gilberto Gil

😊 Textos diversos, para ler, ouvir e contar

GRETEL, A ESPERTA

Era uma vez uma cozinheira que se chamava Gretel. Ela usava sapatos com saltos vermelhos, e quando saía com eles nos pés, rebojava para cá e para lá, ficava alegre e pensava: “Mas que bela garota que eu sou”! E quando voltava para casa, tomava um gole de vinho, só de alegria, e como o vinho lhe dava vontade de comer, ela provava do melhor que cozinhava até se fartar, e dizia: “A cozinheira precisa saber qual é o sabor da comida.”

Um dia o patrão lhe disse:

- Gretel, hoje à noite tenho um convidado para o jantar. Prepare-me duas galinhas caprichadas.

- Vou prepará-las, patrão, - respondeu Gretel.

Ela matou as galinhas, escaldou-as, depenou-as, enfiou-as no espeto e ao anoitecer levou-as ao fogo para assar.

As galinhas começaram a ficar tenras e tostadas, mas o convidado ainda não tinha chegado

Então Gretel avisou o patrão:

- Se o convidado não chegar, vou ter de tirar as galinhas do fogo, mas será uma grande pena se elas não forem comidas logo, quando estiverem mais suculentas.

O patrão falou:

- Então eu mesmo vou correr e buscar o convidado.

Quando o patrão virou as costas, Gretel pôs o espeto com as galinhas de lado e pensou: “Ficar tanto tempo parada junto do fogo me deixou suada e sedenta, quem sabe quanto tempo eles vão demorar! Enquanto isso, vou dar um pulo à adega, tomar um gole”.

E ela desceu à adega, encheu um caneco e disse: “Deus te abençoe, Gretel”, e tomou uma boa talagada. “O vinho pede mais”, continuou ela, “e não faz bem interrompê-lo”, e tomou mais um gole alentado.

Aí ela foi e pôs as galinhas sobre o fogo de novo, pincelou-as com manteiga e ficou girando o espeto alegremente. Mas como o assado tinha um cheirinho tão bom, Gretel pensou: “Pode ser que falte alguma coisa, preciso prová-lo!” passou o dedo no assado, lambeu-o disse: “Hum, como estão boas estas galinhas! É até pecado que não sejam comidas agora, já!” e correu para a janela, a ver se o patrão não estava chegando com o convidado, mas não viu ninguém. Ela voltou para as galinhas e pensou: “Uma das asas vai queimar, é melhor que eu a coma antes”, cortou a asa, comeu-a e gostou. E quando terminou com ela, pensou: “Preciso tirar a outra também, senão o patrão nota que falta alguma coisa”.

Quando acabou com as duas asas, ela foi espiar de novo se o patrão chegava, mas não viu. “Quem sabe”, pensou ela, “eles não vêm mesmo e foram comer em algum lugar”. Então falou: “Hei,

Gretel, ânimo, uma das galinhas já foi atacada, toma mais um bom gole e acaba com ela de uma vez! Só assim terás sossego: por que deixar que se perca essa dádiva divina?"

De modo que ela correu outra vez para a adega, tomou um gole respeitável e comeu a galinha toda com grande alegria. Quando a primeira galinha já estava liquidada e o patrão ainda não voltara, Gretel olhou para a segunda e disse: "Onde está uma, a outra deve estar, acho que se eu tomar mais um gole, isso não me fará mal algum". E com isso ela bebeu mais um reforçado gole e deixou que a segunda galinha se reunisse com a primeira. Quando ela estava no melhor da comilança, o patrão veio chegando e gritou:

- Apronte-se depressa, Gretel, o convidado já está chegando!

- Sim senhor, patrão, vou servir já, - respondeu Gretel.

O patrão, enquanto isso foi verificar se a mesa estava bem posta e arrumada, pegou o facão com o qual ia trincar as galinhas e começou a afiá-lo.

Enquanto isso, o convidado chegou, e bateu na porta de entrada, cortês e respeitoso. Gretel correu para ver quem era, e quando viu o convidado, pôs um dedo nos lábios e disse:

- Psst, silêncio, silêncio! Trate de fugir depressa, se o meu patrão o pegar, o senhor se dará mal! Ele convidou-o para jantar, mas a sua intenção é cortar-lhe as duas orelhas, escute só como ele está amolando o facão!

O convidado ouviu o barulho do facão sendo afiado e saiu a bom correr pelos degraus abaixo.

Gretel não perdeu tempo, correu gritando para o patrão, a berrar:

- Belo convidado que o senhor foi trazer!

- Por que, Gretel? O que você quer dizer com isso?

- O que eu quero dizer, - falou Gretel, - é que ele arrancou as duas galinhas da travessa que eu estava levando e fugiu correndo com elas.

- Era só o que faltava! - disse o patrão, com pena de perder as belas galinhas, - se ao menos ele me deixasse uma delas, para que sobrasse alguma comida!

E ele gritou ao encalço do outro, para ele ficar, mas o convidado fingiu que não ouvia. Então o patrão correu atrás dele, ainda com o facão na mão gritando:

- Só uma! só uma! - querendo pedir para ele deixar-lhe ao menos uma galinha e não levar as duas.

Mas o convidado pensou que ele teria de entregar só uma das suas orelhas, e por isso correu com todas as forças, como se um fogo o perseguisse, para poder levar para casa ambas as suas orelhas.

Contos de Grimm

FESTA NO CÉU

Entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no céu. Todas as aves compareceram e começaram a fazer inveja aos animais e outros bichos incapazes de vôo.

Imaginem quem foi dizer que ia também à festa ... O sapo! Logo ele, pesado e nem sabendo dar uma carreira, seria capaz de aparecer naquelas alturas. Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros, então, nem se fala.

O sapo tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma prosa boa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

- Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

- Você vai mesmo?

- Se vou? Até lá, sem falta!

Em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou na camarinha do urubu e, vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Chegando ao céu o urubu arriou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo tomou parte de grande. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado, procurou a viola e acomodou-se como da outra feita.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um no seu destino. O Urubu agarrou a viola e tocou-se para a terra, rru-rru-rru...

Lá pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se, o urubu espiando para dentro do instrumento, viu o bicho lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

- Ah! Camarada sapo! É assim que você vai à festa no céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras emborcou a viola. O sapo despencou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

Bêu-Bêu

Se eu desta escapar

Nunca mais bodas ao céu!...

E vendo as serras lá em baixo:

- Arreda pedras, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um jenipapo, espapaçando-se todo. Ficou em pedaços Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou todos os pedaços e o sapo enviveceu de novo.

Por isto o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

Ana de Câmara Cascudo

O HOMEM QUE ROUBOU OS BODES

Um camponês roubou uma dúzia de bodes, e para que prestasse contas disso, foi chamado pela justiça.

Ele procurou seu compadre e lhe perguntou como poderia se defender diante do juiz, para não receber nenhum castigo

- Não se preocupe - disse o compadre - a cada pergunta do juiz comece a berrar como um bode.

Quando o homem estava diante do tribunal, o juiz lhe perguntou:

- Por que você roubou os bodes?

E o homem respondeu:

- Bééééé!

- Não, senhor, assim gritavam os bodes quando você os levava! Eu perguntei por que você os roubou - disse o juiz.

Novamente, o ladrão de bodes respondeu:

- Bééééé!

O tribunal, achando que faltava juízo ao ladrão de bodes, o absolveu da acusação.

Ele estava de volta para casa quando seu compadre foi lhe dizer:

- Compadre, você está em liberdade graças à minha imaginação. Quero que você me entregue a metade dos bodes, como pagamento de minha boa idéia.

E o ladrão de bodes prontamente respondeu:

- Bééééé!

José Labourt

O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhe numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque chegaria um pedaço pequeno para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve que contar o seu sonho. O padre disse ter sonhado com a escada de Jacó e a descreveu brilhante. Por ela, subia triunfalmente para o céu.

O estudante, então, narrou que sonhara estar já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e disse:

- Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava.

- Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmicês esqueceram o queijo! Então, Vosmicês respondiam de longe, do céu:

- Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos o queijo.

- "O sonho foi tão forte que eu pensei que era de verdade, levantei e, enquanto Vosmicês dormiam, comi o queijo..."

Luiz Câmara Cascudo

SOPA DE PEDRAS

Pedro Malasarte era um cara danado de esperto. Um dia ele estava ouvindo a conversa do pessoal na porta da venda. Os matutos falavam de uma velha avarenta que morava num sítio pros lados do rio. Cada um contava um caso pior que o outro.

- A velha é unha-de-fome. Não dá comida nem pros cachorros que guardam a casa dela - dizia um.

- Quando chega alguém pro almoço, ela conta os grãos de feijão pra pôr no prato. Verdade! Quem me contou foi o Chico Charreteiro, que não mente - afirmava outro.

- Éta velha pão-duro! - comentava um terceiro - Dali não sai nada. Ela não dá nem bom-dia.

O Pedro Malasarte ouvindo. Ouvindo e matutando.

Dai a pouco entrou na conversa:

- Querem apostar que pra mim ela vai dar uma porção de coisas, e de boa vontade?

- Tu tá é doido! - disseram todos. - Aquela velha avarenta não dá nem risada!

- Pois aposto que pra mim ela vai dar - insistiu o Pedro. - Quanto vocês apostam?

A turma apostou alto, na certeza de ganhar. Mas o Pedro Malasarte, muito matreiro, já tinha um plano na cabeça. Juntou umas roupas, umas panelas, um fogãozinho, amarrou a trouxa e se mandou pra casa da velha. Era meio longe, mas pra ganhar aposta o Malasarte não tinha preguiça.

O Pedro foi chegando, foi arranchando, ali bem perto da porteira do sítio da velha. Esperou um tempo para ser notado. Quando viu que a velha já tinha reparado nele, armou o fogãozinho, botou a panela em cima, cheia de água, e acendeu o fogo. E ficou o dia inteiro cozinhando água.

A velha, lá da casa, só espiando. E a panela fumegando.

E o Pedro atiçando o fogo.

Não demorou muito, a velha não agüentou a curiosidade e veio dar uma espiada. Passou perto, olhou, assuntou, e foi embora. O Pedro firme, atiçando o fogo.

No dia seguinte, panela no fogo, fervendo água, soltando fumaça, Pedro atiçando o fogo. A velha olhando de longe, lá de dentro da casa. Até que ela não conseguiu mais se segurar de curiosidade. Saiu e veio negaceando, olhar de perto. O Pedro pensou: “É hoje!”

Catou umas pedras no chão, lavou bem e jogou dentro da panela. E ficou atiçando o fogo pra ferver mais depressa.

A velha não se conteve:

- Oi moço, tá cozinhando pedra?

Ora, pois sim senhora, dona - respondeu o Pedro. - Vou fazer uma sopa.

Sopa de pedra? - perguntou a velha com uma careta. - Essa não, seu moço! Onde já se viu?

- Pois garanto que dá uma sopa pra lá de boa.

- Demora muito pra cozinhar? - perguntou a velha ainda duvidando.

- Demora um bocado.

- E dá pra comer?

- Claro, dona! Então eu ia perder tempo à toa?

A velha olhava as pedras, olhava pro Pedro. E ele atiçando o fogo, e a panela fervendo. A velha meio incrédula, meio acreditando.

É gostosa, essa sopa? - perguntou ela depois de um tempo.

- É - respondeu o Malasarte. - Mas fica mais gostosa se a gente puser um temperinho.

- Por isso não - disse a velha. - Eu vou buscar.

Foi e trouxe cebola, cheiro-verde, sal com alho.

- Tomate a senhora não tem? - perguntou o Pedro.

A velha foi buscar e voltou com três, bem maduros.

Pedro botou tudo dentro da panela, junto com as pedras. E atiçou o fogo.

- Vai ficar bem gostosa - disse ele. - Mas se a gente tivesse um courinho de porco...

- Pois eu tenho lá em casa - disse a velha. E foi buscar.

Couro na panela, lenha no fogo, a velha sentada espiando. Dai a pouco ela perguntou:

- Não precisa de mais nada?

- Até que ficava mais suculenta se a gente pusesse umas batatas, um pouco de macarrão...

A velha já estava com vontade de tomar a sopa, e perguntou:

- Quando ficar pronta, posso provar um pouco?

- Claro, dona!

- Ai ela foi e trouxe o macarrão e as batatas.

O Malasarte atiçou o fogo, pro macarrão cozinhar depressa.

Dai a pouco a velha já estava com água na boca!

- Hum, a sopa té cheirando gostosa! Será que as pedras já amoleceram?

Em vez de responder, o Pedro perguntou:

- A senhora não tem uma lingüicinha no fumeiro? Ia ficar tão bom...

Lá foi a velha de novo buscar a lingüiça.

Cozinha que cozinha, a sopa ficou pronta. Malasarte então pediu dois pratos e talheres, a velha trouxe

O Pedro encheu os pratos, deu um pra ela. Separou as pedras e jogou no mato.

- Ué, moço, não foi comer as pedras?

- Tá doido! - respondeu o Malasarte. - Eu lá tenho dente de ferro pra comer pedra?

E tratou de se mandar o mais depressa que pôde. Foi correndo pra venda, cobrar o dinheiro da aposta

O SONHO E A FRONHA

Sonho risonho
na fronha de linho.
Na fronha de linho,
a flor sem espinho.

Apanho a lenha
pra o vizinho

E encontro o ninho
de passarinho.

De que tamanho
seria o rebanho?

Não há quem venha
pela montanha
com a minha sombrinha
de teia de aranha?

Sonho o meu sonho.
A flor sem espinho
também na fronha.

Na fronha de linho.

Cecília Meireles

ENCHENTE

Chama o Alexandre!
Chama!

Olha a chuva que encharca a gente.
Põe a chave na fechadura.
Fecha a porta por causa da chuva,
olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira
no fogo: olha a chama! olha a chispa!
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva
é tanta que nem de galocha
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!
Chama!

Cecília Meireles

BOLHAS

Olha a bolha d'água
no galho!
Olha o orvalho!

Olha a bolha de vinho
na rolha!
Olha a bolha na mão
que trabalha!

Olha a bolha de sabão
na ponta da palha:
brilha, espelha
e se espalha.
Olha a bolha!

Olha a bolha
que molha
a mão do menino.

A bolha da chuva da calha!
Cecília Meireles

O SANTO NO MONTE

No monte,
o Santo
em seu manto,
sorria tanto!

Sorria para uma fonte
que havia no alto do monte
e também porque defronte
se via o sol no horizonte

No monte
o Santo
em seu manto
chora tanto!

Chora - pois não há mais fonte,
e agora há um muro defronte
que já não deixa do monte
ver o sol nem o horizonte.

No monte
o Santo
em seu manto
chora tanto!
(Duro muro escuro!)

Cecilia Meireles

LAMPIÃO E A VELHA FEITICEIRA

Leitores, vou descrever
qual foi o original
duma surpresa fantástica
vinda da força infernal
o conteúdo tem jeito
de dar-se todo direito
que tenha sido real

Lampião dentro dos crimes
que fez de toda maneira
também deflorou a filha
duma velha feiticeira
a qual não quis ir dar parte
porque com a sua arte
fazia melhor pesqueira

Mesmo quem prestasse queixa
dos crimes de Lampião
era cavar um lajedo
com cavador de pinhão
ou fazer foice de cera
pra derrubar aroeira
para fazer um pilão

Era plantar maniva seca
e esperar quem não vem
carregar água num cesto
correr na frente dum trem
elogiar quem perdeu
dar remédio a quem morreu

e direito a quem não tem

Era dar caldo a um morto
mandar doido fazer feira
botar suspensório em cobra
gravata em caranguejeira
levar boi pra ouvir missa
e querer torrar lingüiça
numa panela de cera

Porque dessas coisas todas
não havia precisão
e também não precisava
dar parte de Lampião
a policia atenta estava
muitas vezes ele enfrentava
um tiroteio no sertão

Finalmente a policia
com grande sagacidade
acabou com esse monstro
irmão da perversidade
hoje o sertanejo diz:
o governo do pais
nos deu a tranqüilidade

Tratemos sobre a história
da velha com Lampião;
confiando em suas obras
não quis pedir proteção
a desfeita que sofreu

ela mesmo resolveu
dizendo nesta razão:

- Se eu não tomar vingança
não sou mais catimbozeira
rasgo os papéis de orações
toco fogo na carteira
porque só serve a mandinga
que na ocasião vinga
a paixão da mandingueira

Num dia de sexta-feira
usou de seu catimbó
pegou logo um gato preto
torceu-lhe o rabão e deu nó
coseu os olhos de um sapo
encruzou um sacatrapo
a boca de um caritó

Rezou o Credo ao contrário
avessou o cabeção
fez um cruzeiro na testa
e um sino-salomão
trouxe uma caranguejeira
amarrou numa ponteira
e pendurou no fogão

Pilou pimenta da Costa
então depois foi buscar
casca de jurema preta
e botou pra cozinhar
dente de quem já morreu
cuspiu e depois benzeu
porém com o calcanhar

Botou também uns cabelos
que tirou do corpo dela
um bocadinho do sovaco
outro tanto da titela
o resto foi dum lugar
qu'eu não posso explicar
o leitor pergunte a ela

Depois desse preparado
foi pra uma encruzilhada
levou a sua panela
deixou-a lá enterrada
onde o caminho cruzava
Lampião sempre passava
de quando em vez na estrada

E disse ela: ele vindo
passando aqui qualquer dia
enguiçando essa panela
com esta mercadoria
ficará de corpo aberto
e vai me pagar por certo
a desonra de Maria

A velha tinha intuito
que aquela arrumação
podia quebrar as forças
dos cabras de Lampião
e ela pessoalmente
se fazia de valente
e efetuava a prisão

Porém saiu ao contrário

pois que perdeu o serviço
porque Lampião também
era mestre fino nisso
desconfiou da cilada
não passou mais na estrada
da panela do feitiço

Quando a dita conheceu
seu trabalho sem efeito
invocou a satanás
pediu que lhe desse um jeito
satanás muito orgulhoso
lhe disse: isso é custoso
mas conte tudo direito

Disse ela: minha filha
Lampião veio deflorar
satanás lhe respondeu:
eu não posso endireitar
quem tem peça com defeito
se mandarem dar um jeito
eu acabo de quebrar

- Porém eu tenho rapazes
foram cabras de Silvino
vou ver se eles se atrevem
irem buscar Virgulino
provando com esta ação
a justa recordação
do seu tempo de assassino

Disse ele: eu vou mandar
Jararaca e Bronzeado
Pinga-Fogo e Ventania

Rompe-e-Rasga e Temperado
porém eu tenho mais fé
no caboclo piqueté
Bolinha e Pilão-Deitado

Ali desapareceu
e com cinco dias depois
Lampião estava hospedado
na Fazenda do Arroz
debaixo duma aroeira
e de sua cabroeira
com ele só tinha dois

Surgiram oito moleques
de um lado da estrada
e disseram: Lampião
a tua hora é chegada
nós viemos te buscar
e não queremos voltar
contando história furada

Lampião disse a seus cabras:
que moleques atrevidos
isso são ladrões de bode
andam aqui perseguidos
ou saíram a furtar
a onça quis os pegar
correram e andam perdidos

Disse um negro: Lampião
também já fui assassino
tinha por patrão e chefe
teu colega Antonio Silvino
para nós era um prazer

quando se ouvia dizer:
traz a vela, bate o sino

- Moleque és mentiroso
pois mentiste desta vez
a prisão de Antonio Silvino
dezoito anos já fez
como contas do colega
que tua cara não nega
ter de quinze a dezesseis?

- Lampião, inda não sabes
com quem está em discussão
porém eu vou dar-te ainda
mais uma declaração:
ali deu um passo à frente
soprou um bafo tão quente
que sapecou Lampião

Lampião deu grande pulo
e gritou: negros danados!
os meus cabelos estão
quase todos sapecados
são diabos perfeitamente!
disse logo à sua gente:
balas nos endiabrados!

Foi uma luta tremenda
de fazer admirar
bala ia e bala vinha
num medonho pipocar

Lampião metia bala
negro caia sem fala
e só fazia revirar

Foi o tiroteio maior
que já se viu no sertão
e não atiraram mais
porque faltou munição
ali grande estrondo deu
no qual desapareceu
a negrada e Lampião

Ficou somente os dois cabras
cada qual mais perturbado
foram achar Lampião
no outro dia assombrado
falando sem teoria
dizendo que não sabia
como ali tinha chegado

Quem me contou esta história
foi um que tinha descido
nessas secas do sertão
que diversos tem morrido
devido a fome e nudez
esse manata talvez
até já tenha morrido.

José Costa Leite e José Pacheco